

Comunidades ainda ameaçadas

A previsão é de mais chuva em fevereiro, mas ontem a população do Distrito Federal viveu um dia tranquilo depois dos sustos do início da semana. No entanto, as comunidades do Núcleo Rural Boqueirão, da Fercal, do Arapoanga e do Varjão, consideradas em situação de risco, continuam sob monitoramento do Corpo de Bombeiros.

Segundo o subsecretário da Defesa Civil, Nilo de Abreu, apesar da previsão de mais chuvas, a situação está controlada. "Não tivemos nenhum caso grave e no geral não houve grandes problemas", afirma Nilo. De acordo com o Centro de Comunicação Social do Corpo de Bombeiros, porém, o Boqueirão e a

Fercal estão próximas do limite. "Com chuvas fortes como as de sábado, há possibilidade de casas caírem, além da inundação", diz o major Luiz Blum, responsável pela comunicação social.

RESISTÊNCIA - Nas áreas de risco, o Corpo de Bombeiros também enfrenta a resistência dos moradores em sair das casas. No Boqueirão e na Fercal, muitos preferem permanecer a procurar um abrigo para evitar uma eventual tragédia. Segundo Nilo de Abreu, o número de desalojados no DF era de 316 no domingo, mas já se reduziu, porque a maioria dos moradores voltou a suas residências, mesmo com a previsão de mais chuvas.

No Boqueirão, os caseiros Marcos Vinícius Alfaia, 39, e Cristiane Alfaia, 32, não querem sair da chácara à beira do Rio Paraná. Na terça-feira, eles tiveram a casa invadida pelas águas do rio e foram obrigados a fugir às pressas para salvar os dois filhos. "A gente tirou os meninos daqui e depois voltou para ver o que acontecia", conta Cristiane. "Me estressei muito - nunca tinha visto isso na minha vida -, mas só saio daqui quando a água chegar na porta de casa", garante a caseira.

O Paraná, que ficava a cerca de dez metros da casa, está no quintal de Cristiane e Marcos. A pequena plantação de milho, feijão e mandioca está debaixo d'água. A inundação

foi tanta que o filho do casal, Richardson, 12 anos, construiu uma jangada para pescar na área onde antes ficava a plantação.

Na Fercal, os moradores estão com medo do aumento do volume das águas do Ribeirão Engenho Novo. Dona Maria das Dores Viana, 45 anos, já pensa em procurar o Centro Comunitário da Associação de Moradores, onde estão os desalojados. A casa dela - o quintal fica na margem do ribeirão - foi inundada pela chuva de terça-feira e ela tem medo de que isso ocorra novamente, a qualquer hora. "Moro aqui há dez anos e acho que vou ter de sair de casa, porque, se o rio encher, vai levar tudo aqui", afirma.